



# Metas do desenvolvimento da psicanálise

Sobre a interação da teoria e da técnica

Autores: Sándor Ferenczi e Otto Rank

Editora: Quina

Resenhado por: Osvaldo Luís Barison,<sup>1</sup>

São José do Rio Preto

Muito mais do que um documento histórico, o qual, pelo viés científico, deu origem a uma das mais sérias crises no movimento psicanalítico, o livro que temos em mãos é uma poderosa reflexão sobre os passos que nossa ciência tem seguido em seu desenvolvimento desde os primórdios até a chamada “psicanálise contemporânea”.

A Editora Quina presenteia-nos com a tradução e publicação em língua portuguesa de um dos mais controversos e interessantes textos da história da psicanálise e que fazia falta, tanto para o estudioso da história, quanto, e principalmente, para o psicanalista clínico. A correta tradução e o cuidado editorial fazem jus à espera de quase um século para que possamos entender melhor o que ocorreu nos perturbados anos de 1924 em diante com o grupo mais próximo de Freud, particularmente com o Comitê Secreto, tendo ecos até hoje no movimento psicanalítico mundial.

Escrito a quatro mãos – fato incomum em nossa ciência –, o livro visava responder a uma constatação de Freud de que pouco se havia teorizado sobre as mudanças técnicas, as quais deveriam ter ocorrido com base nas novas concepções teóricas formuladas na chamada “virada dos anos 1920”. Freud até instituiu um concurso com prêmio em dinheiro para quem formulasse a melhor contribuição.

Os dois autores que aceitaram o desafio faziam parte do círculo mais próximo de Freud, tanto no campo científico, quanto nas relações de amizade, e já haviam iniciado reflexões sobre o assunto antes mesmo da convocação de Freud.

1 Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Membro efetivo com funções didáticas do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região.

Esses dois pioneiros foram, contudo, relegados a uma espécie de ostracismo na história posterior aos anos de fundação e consolidação da psicanálise.

Um dos autores do livro, Sándor Ferenczi, não saiu nem foi expulso da IPA e tem sido reabilitado com muito vigor desde os anos de 1980. Os três capítulos escritos por ele e presentes no livro em questão já integravam as suas obras completas, sendo de conhecimento público.

Sobre Otto Rank ainda paira um silêncio maior. O psicanalista e amigo vienense mais próximo de Freud, o primeiro autor de uma obra psicanalítica aplicada a um campo que não fosse a psicoterapia, o secretário da Sociedade das Quartas-feiras e depois da Sociedade de Viena, o primeiro psicanalista não médico, o editor das mais importantes publicações psicanalíticas, passou para a história como um defenestrado que havia traído o método analítico por pura vaidade. Após as renúncias das editorias e dos cargos administrativos, teve sua desfiliação da IPA efetivada em 1930 em consequência, não só, mas também, das repercussões negativas que teve este livro.

Hoje temos dados suficientes para afirmar que a discussão científica foi apenas a parte pública das desavenças entre os membros do Comitê Secreto. Os demônios afetivos fizeram suas traquinagens entre homens excepcionais, que se envolveram em intrigas, maledicências, ciúmes, conchavos e traições.

Sob o ponto de vista da avaliação do desenvolvimento da psicanálise e as metas para o futuro, principalmente em sua aplicação nos processos terapêuticos, temos as observações por escrito feitas por dois participantes de toda a história pregressa. Já é conhecida a constatação de que a psicanálise havia se afastado de sua vertente psicoterapêutica, justamente essa que tinha dado origem a todo o edifício psicanalítico.

A prática analítica tornara-se um recurso explicativo do funcionamento geral da mente. Um processo intelectualizado e que despertava muito interesse principalmente nas pessoas que desejavam também tornar-se psicanalistas.

Essa tendência, que se dizia mais científica, visava afastar qualquer pecha afetiva que pudesse facilitar a confusão da psicanálise com outras formas de psicoterapia de aconselhamento, ou as que se valiam da influência e da sugestão. Postura assim tinha ressonância naquele momento cultural, em que se dava a supremacia do positivismo e da racionalidade, mas também no sucesso que os institutos de formação, principalmente o de Berlim, começavam a ter diante do movimento.

A prática clínica, entretanto, estava repleta de pacientes que não obtinham benefícios com uma análise explicativa, por mais interessante que fosse. O que estava claro, desde “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/1990), é que os aspectos primitivos, ou seja, aqueles padrões que se formam antes do aparecimento dos símbolos, só se expressam mediante a repetição vivencial nas formas de vínculos e relacionamentos.

Essa foi a grande discussão daquela época: uma análise intelectualizada ou a análise como experiência emocional. Atualmente esse termo está consagrado, mas na época ainda se empregavam outros nomes para designar a análise. No entanto, os autores sabiam que, se fosse dado um mau uso às ideias expostas, poderia haver o perigo de descaracterizar-se o método. Sendo assim, lemos no livro que eles fazem esforços para diferenciar o trabalho científico tal qual proposto da simples relação emocional significativa, antecipando críticas e demonstrando cuidados.

Essa é a tentativa principal do livro, propor e provar que era possível trabalhar cientificamente em um campo carregado de emoções e que, exatamente por isso, o trabalho conduz a significativas transformações terapêuticas.

Assim o livro explicita a tensão existente entre as formas de funcionamento mental baseado no que definimos como a neurose, em contrapartida com o funcionamento mais primitivo, podendo dar origem a diversas outras patologias, chamadas de *não neuróticas*. Conseqüentemente, os autores destacam essa diferença de funcionamento e demanda, alertando para os manejos técnicos necessários a lidarmos com aspectos primitivos, os quais são representados em atos no relacionamento analítico.

Observamos que a história e o próprio desenvolvimento da psicanálise acontecem mediante o resultado de tensões entre polos que às vezes se opõem, e às vezes se complementam, cambiando sempre de objetos em seus vértices, porém, mantendo a área de conflito.

É nesse sentido que percebemos existirem tempos em que se privilegia a teoria e outros, a prática clínica. Vez ou outra é o intrapsíquico do paciente que está em voga, e em outras ocasiões é o relacionamento, o interpessoal, que é destacado. Nas instituições há fases em que a relevância é a experiência clínica e as próprias entranhas da instituição. Em outras épocas, as preocupações voltam-se para a teoria e para o social. Mesmo em um processo de análise, existem épocas em que as demandas externas à dupla estão sob escrutínio, porém, em outros momentos é a vivência da relação que chama mais a atenção, fatos que podem ocorrer até na mesma sessão.

Entre todas as possibilidades de tensão, uma das mais significativas tem sido sobre a prática do processo analítico ser definida como autoconhecimento, ou então como processo terapêutico que se dá levando em conta o campo emocional.

Esse livro explicita essa primeira grande discussão. Acredito que até hoje seja essa a maior tensão geradora de debates, distensões e evoluções na teoria e na técnica.

As repercussões das formulações contidas no livro, entre outras, modifica necessariamente a participação do analista no processo analítico. A pessoa dele e sua própria forma de ser também se tornou objeto de estudos, modificando para sempre as noções de ciência.

Além de termos o conteúdo do livro para nossa análise crítica, o excelente posfácio de Gustavo Dean-Gomes ilustra e lança luz sobre os acontecimentos da época em que a psicanálise viveu seus maiores temores. Foi também, entretanto, quando se solidificou como ciência com características peculiares, influenciando – e sendo influenciada por ela – definitivamente toda a humanidade.

Leitura indispensável e necessária para todo analista praticante e que gosta de saber e pensar o que fazemos em nosso trabalho.

### Referência

Freud, S. (1990). Recordar, repetir, elaborar. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 191-203). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Oswaldo Luís Barison  
osvaldobarison@gmail.com

Recebido em: 28/2/2023  
Aceito em: 1/3/2023